



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS DO SERTÃO

DELMIRO GOUVEIA

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**ALCIDES LOPES DE MENEZES**

**A RELIGIÃO PAGÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO NO  
EGITO ANTIGO (PRIMEIRA DINASTIA)**

DELMIRO GOUVEIA/AL

2023

ALCIDES LOPES DE MENEZES

**A RELIGIÃO PAGÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO NO  
EGITO ANTIGO (PRIMEIRA DINASTIA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutoranda Sergiana Vieira dos Santos

DELMIRO GOUVEIA/AL  
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO- DELMIRO GOUVEIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD**

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos quatorze dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, às 19h00 (dezenove horas), sob a presidência do(a) Professor(a) Mestre Sergiana Vieira dos Santos em sessão “online” pública da UFAL, Campus do Sertão, situada à Rodovia AL 145, Km 3, nº 3849, Bairro Cidade Universitária - Delmiro Gouveia-AL, reuniu-se a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado A religião pagã e suas influências no processo civilizatório no Egito Antigo (primeira dinastia), do discente Alcides Lopes de Menezes sob matrícula: 17211483, requisito obrigatório para conclusão do Curso de História – Licenciatura, tendo como Banca Examinadora assim constituída: Professor(a) Mestre Sergiana Vieira dos Santos (orientador(a)), Professor(a) Mestre Levy Felix Ribeiro (Examinador(a) externo(a)) e o(a) Professor(a) Doutor(a) Flávio Augusto de Aguiar Moraes Examinador(a) Interno(a)). Iniciados os trabalhos, o(a) discente teve vinte minutos para exposição e foi dado a cada examinador um período máximo de 15 (quinze) minutos para a arguição do candidato. Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o candidato foi considerado aprovado com média geral 8,5 (oito e meio). Na oportunidade o candidato foi notificado do prazo máximo de 30 (trinta) dias corridos, a partir desta data, para entregar à Coordenação do Curso e à Biblioteca do Campus, cópias devidamente protocoladas, da versão definitiva do trabalho defendido em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela banca. Nesta ocasião a presente ata (original) assinada também deve ser entregue à Coordenação. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ata, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia-AL, 14 de março de 2023.

Professor(a) Mestre  
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente  
 SERGIANA VIEIRA DOS SANTOS  
Data: 19/03/2023 13:37:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Mestre  
Examinador(a) Externo(a)

Documento assinado digitalmente  
 LEVY FELIX RIBEIRO  
Data: 19/03/2023 13:18:01-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Doutor(a)  
Examinador(a) Interno(a)

Documento assinado digitalmente  
 FLAVIO AUGUSTO DE AGUIAR MORAES  
Data: 18/03/2023 08:55:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luana Tamano  
Coordenadora de TCC do Curso de Licenciatura em História  
UFAL - Campus do Sertão, unidade Delmiro Gouveia

Documento assinado digitalmente  
 LUANA TIEKO OMENA TAMANO  
Data: 06/03/2023 14:05:55-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

A Deus, família e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por tudo que me foi concedido nessa vida.

Ao corpo docente e colaboradores e colaboradoras da Universidade Federal de Alagoas, que sempre foram solícitos na hora em que precisei.

Ao orientador e coorientadora que muito se empenharam em entender a proposta deste trabalho.

A minha mãe, minha grande incentivadora.

A família que é a base de tudo que sou hoje.

Aos amigos que criticaram e que me ajudaram para meu crescimento intelectual.

## RESUMO

O presente trabalho trata de uma das maiores e mais desenvolvidas regiões do mundo antigo, detentora de infinitas tradições, trazendo como objetivo avaliar as influências da religiosidade no desenvolvimento da civilização egípcia. Através de uma breve e prazerosa viagem serão identificados os deuses considerados pagãos, seus mitos, rituais religiosos, como também alguns valores da sociedade da época. Para isso, se fez necessário retroceder alguns milênios no tempo e aportar no Egito em um período denominado de Reino Novo, por ter sido constituído de grande desenvolvimento e prosperidade. Percebeu-se que os deuses eram parte da cultura civilizatória dos egípcios de modo tão profundo que estavam associados ao cotidiano desse povo de forma direta, ligados aos elementos da natureza como a água, céu, terra, vida e morte, e seus fenômenos como a chuva, o fogo e até no nascer das plantas. Este trabalho no seu desenvolvimento também possibilitou uma análise da relação entre a religião e as práticas no cotidiano social egípcio. Percebeu-se que tudo era regido pela religião, inclusive a política, através dos sacerdócios e da própria figura do Faraó, que chegou a ser visto como um deus em terra. O objetivo desta pesquisa foi: a) observar no contexto histórico a formação do Egito como civilização; b) analisar as peculiaridades da religião egípcia, discutindo as características que a identifica como uma religião “pagã”, evidenciando suas crenças, mitos e simbolismos; c) verificar a partir da bibliografia utilizada a religião como elemento central e civilizatório do Egito Antigo. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa embasada na revisão bibliográfica dos trabalhos de autores sobre o tema em questão. Os resultados alcançados com esta pesquisa vão desde o entendimento reflexivo de que a cultura egípcia é predominantemente religiosa e mitológica, até a compreensão de que, para os egípcios, corpo e alma não se separam, mais além, religião e política sempre estarão em conexão para essa civilização.

**Palavras-chave:** Antiguidade, deuses, paganismo, História.

## ABSTRACT

The present work deals with one of the largest and most developed regions of the ancient world, with infinite traditions, with the aim of evaluating the influences of religiosity on the development of Egyptian civilization. Through a brief and pleasant trip, the gods considered pagan will be identified, their myths, religious rituals, as well as some values of the society of the time. For this, it was necessary to go back a few millennia in time and land in Egypt in a period called the New Kingdom, because it was made up of great development and prosperity. It was noticed that the gods were part of the civilizing culture of the Egyptians in such a profound way that they were directly associated with the daily life of this people, linked to the elements of nature such as water, sky, earth, life and death, and its phenomena such as the rain, fire and even in the birth of plants. This work in its development also allowed an analysis of the relationship between religion and practices in Egyptian social life. It was noticed that everything was governed by religion, including politics, through the priesthoods and the very figure of the Pharaoh, who came to be seen as a god on earth. The objective of this research was: a) to observe in the historical context the formation of Egypt as a civilization; b) analyze the peculiarities of the Egyptian religion, discussing the characteristics that identify it as a “pagan” religion, highlighting its beliefs, myths and symbolism; c) verify from the bibliography used religion as a central and civilizing element of Ancient Egypt. The methodology used was the qualitative approach based on the bibliographic review of authors' work on the subject in question. The results achieved with this research range from the reflective understanding that Egyptian culture is predominantly religious and mythological, to the understanding that, for the Egyptians, body and soul are not separated, moreover, religion and politics will always be in connection for this civilization.

Keywords: Antiquity, gods, paganism, History.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa do Egito Antigo.....	31
Figura 02 – Mapa do Egito Antigo e Núbia.....	32
Figura 03 – Pirâmide social egípcia.....	32
Figura 04 – Pedra de Palermo da V Dinastia.....	33
Figura 05 – O Papiro Real de Turim.....	33
Figura 06 – Esquema geral interno: pirâmide.....	34
Figura 07 – Máscara funerária de Tutankhamon.....	34

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A. E. C	Antes da Era Comum
---------	--------------------

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	11
<b>3 CONTEXTUALIZANDO O EGITO</b> .....	13
<b>4 EGITO ANTIGO: RELIGIÃO, LENDAS E MITOS</b> .....	21
<b>5 O CULTO E A ADORAÇÃO NO EGITO ANTIGO</b> .....	23
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29
<b>ANEXOS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se opta por pesquisar um tempo histórico de uma determinada sociedade não devemos negligenciar a existência dos aspectos religiosos que fizeram parte dessa cultura, pois, não se pode dissociar uma pesquisa com este teor, dos princípios e valores de um povo, tanto cultural e social, quanto religioso. E, partindo deste princípio, entendemos que a religião sempre esteve ligada ao cotidiano do povo, pois, segundo Moura (2018) não há sociedade ou cultura que deixe de apresentar algum tipo de sistema de crença religiosa. Portanto, a religião sempre esteve presente no cotidiano dos egípcios antigos: na família, na sociedade, na política, nas guerras e no trabalho. Ela ditava as normas comportamentais impostas a toda sociedade. Assim sendo, pode-se dizer que os egípcios eram estritamente religiosos.

Por meio da História Antiga desenvolvemos o entendimento sobre a Antiguidade na qual o Egito Antigo se localiza. A História Antiga, responsável por mostrar os aspectos políticos, culturais e religiosos das civilizações antigas ocupa espaço nas grades curriculares das universidades brasileiras a partir de 1940, quando, segundo Silva (2001), surge a primeira disciplina de História Antiga na Universidade de São Paulo. Assim, a História Antiga sai das paredes de escritórios de departamentos da História, e vai para as salas de aula. Inicialmente, essa disciplina dialogava com as curiosidades e exotismos desse período, sem muito aprofundamento na problematização histórica.

Juntamente a ideia de que a História Antiga não passava de uma disciplina para curiosidades, e que também era destinada as elites intelectuais, ela se torna inacessível as massas, e quando incluída nos currículos escolares de base, dá atenção a conteúdos sobre a Antiguidade de civilizações pontuais como a grega e romana. Posteriormente, a História da civilização egípcia, inclusa na própria História da África, passa a ganhar espaço na grade curricular da disciplina. A inclusão da História da África no campo acadêmico é um debate que passa a ser pauta já na década de 1996, quando a discussão sobre a aprovação de um Estatuto da Igualdade Racial, estabelece uma conexão com a necessidade de se ensinar História da África nas escolas de educação básica, nos ensinos fundamental e médio, tanto nas redes públicas quanto privadas (FERREIRA, 2015, p. 2).

O Estatuto da Igualdade Racial teve sua lei sancionada em 2010 pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em 1996, no dia 20 de novembro, é promulgada a lei 10.639/03 que também foi modificada pela lei 11.645/08, a lei tem como objetivo central a implantação do ensino obrigatório de História da África, e conseqüentemente do Egito Antigo, nas aulas de História da educação básica, incluindo a temática da escravidão negra na História

do Brasil, as contribuições da cultura afro na formação do povo brasileiro também se constituíram como assuntos obrigatórios na disciplina como forma de desmistificar conceitos errôneos sobre a África e sua cultura e religiosidade, além de ser considerada uma forma eficaz de debater e combater o racismo estrutural na sociedade brasileira.

É de conhecimento notório a importância da civilização egípcia na evolução do homem no tempo, porém, ainda se encontra no anonimato para muitos a verdadeira localização de uma das civilizações mais importantes do planeta. O Egito está abrigado no território africano, território que também iniciou o povoamento na terra e que segundo Silva (2019) ainda luta para se desfazer de concepções antigas que não condizem com a realidade

(...) que acentua a sua “vocação” agrária e extrativista, o exotismo da sua flora e fauna e o caráter praticamente imutável das suas estruturas, presas a um passado ancestral do qual os africanos têm conseguido a duras penas se desvencilhar, ignora que o continente abrigou uma das primeiras e mais importantes civilizações da História, a egípcia, cujo estudo, na maioria dos casos, é incluído dentre o das culturas do Oriente Próximo, ainda que o Egito, como é público e notório, ocupe o solo africano e não o asiático (SILVA, 2019, p. 23).

O Egito Antigo é considerado o berço das civilizações e foi também pioneiro no que entendemos hoje como propriedade privada. A terra se tratava de uma propriedade exclusiva do Estado, mas que podia ser cedida pelo mesmo a comunidade de camponeses e aos trabalhadores na função de artesãos, dessa forma, os camponeses precisavam dar algo em troca do uso dessas terras cedidas, e isso acontecia por meio dos lucros que ganhavam através de suas colheitas. Essa era a maneira com que pagavam pelo usufruto das terras do Faraó. Isto se fez necessário pelo rápido crescimento demográfico que demandava um grande esforço dos governantes para atender a este aumento populacional. Nestas circunstâncias também cresceu a exploração da mão de obra e tem início a escravização dos mais fracos. Neste interim, os guerreiros começam a ganhar importância quando da necessidade de defender o povo e de se obter novas conquistas territoriais (MARTINS, 2007, p. 23).

Nesse cenário, era necessário que houvesse, na época, uma relação estreita entre os políticos e a elite, e a religião serviu para criar uma estrutura de valores que regiam a conduta hierarquizada na pirâmide social e essa conduta regia e influenciava nas decisões dos assuntos políticos do estado. Aqui a religião se torna um dos meios para que sacerdotes gozassem de autoridade e poderes legítimos avalizados pela sociedade.

Os postulados socioantropológicos da religião indicam que religião e política são produtos culturais, logo são resultados da construção humana e como tal, não são estáticos, imutáveis ou construídos aleatoriamente. Como estruturas sociais,

manifestam uma série de fatores convergentes que os aproximam permitindo uma imbricação dos seus elementos estruturantes. Por conseguinte, diversos fenômenos tidos como fundamentalmente políticos podem ser identificados no campo religioso, assim como manifestações tidas como pertencentes ao campo religioso podem ser concebidas no campo político (COSTA, 2015, p. 97).

A religião no Egito antigo era politeísta e as divindades poderiam mudar para atender aos interesses de cada civilização em seu tempo, sofrendo adequações advindas das influências externas e de questões políticas que guiavam as questões de um povo que tinham como base uma religião com vários deuses.

No antigo Egito, a religião historicamente conhecida resultou, em primeiro lugar, da superposição e organização das divindades dos nomos. O dogma nunca foi, de fato, unificado: em cada santuário o deus local era visto como a divindade suprema e criadora. Os deuses dos nomos tinham aparentemente uma origem totêmica, estando ligados a animais, personagens ou fetiches que se vinculavam ao culto dos antepassados tribais e que sofreram nos tempos históricos um processo parcial ou total de antropomorfização. Hórus, por exemplo, podia ser representado por um falcão, por um homem com cabeça de falcão ou ainda - mais raramente - por um homem. (FLAMARIOM, 1986, p.33).

No Egito Antigo tudo era sagrado e nos templos se concentrava o conhecimento, numa teologia que consideravam a ordem cósmica como obra essencialmente divina (BARBOSA, 2019). A religião e a política eram tão importantes que quase sempre se confundiam. A exemplo está a construção das pirâmides que apesar de ter caráter religioso como a morada eterna para os restos mumificados dos Faraós e seu secto no pós-morte, não se pode deixar de perceber as intenções políticas que havia por trás daqueles monumentos.

A religião no Egito Antigo foi marcada por diversas crenças, até mesmo a figura do mal<sup>1</sup> teve seu local de adoração entre esses povos, considerando que os deuses no Egito Antigo eram quase em sua totalidade pagãos<sup>2</sup> e a estes dedicavam-se rituais e oferendas de sangue animal e até mesmo o sacrifício humano<sup>2</sup> a fim de agradar ou abrandar a fúria daquelas divindades consideradas deuses quando algum mal se abatia sobre seus negócios e familiares. A prática dos cultos aos deuses pagãos era aceita em todas as classes sociais, os rituais e cerimônias ocorriam em várias cidades de todo Alto, Médio e Baixo Egito.

---

<sup>1</sup> HERTZ, Robert. *A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa*. 1980. p.125. <sup>2</sup> O paganismo pode ser entendido como uma religião de cunho não-cristão, a palavra em si, carrega o significado das tradições passadas antes do cristianismo na Europa, sendo remetida diretamente a culturas como a nórdica e celta, e tendo como vertente mais famosa a Wicca, iniciada no século XX. Disponível em: <http://blogs.ufrj.br/bloghumanidade/paganismo-para-alem-do-preconceito/>. Acesso em: 23/02/2023.

<sup>2</sup> VIEIRA et al., *Astecas e Maias: Arqueologia da Religião: método e interpretação do produto artístico da religião*. 2018. p. 71-72.

A vida religiosa dos egípcios era regida por superstições, mitos e simbolismos. Era visível que a religiosidade era a razão de sua existência. Além dos cultos aos deuses foram construídos diversos templos em sua homenagem com as mais diversas finalidades. Havia deuses para tudo, com as mais distintas formas, tendo o corpo formado por parte humana e parte animal como o Deus Anúbis, por exemplo, o Deus da Morte que tinha cabeça de chacal num corpo de ser humano. Em Mênfis cultuava-se o boi Ápis, considerada a encarnação de Ptah; em Tebas havia o carneiro de Ámon, em Busíris o bode de Osíris, em Faium o crocodilo de Sebek, em Bubástis a gata da Bástis, nos templos de Hórus, o falcão, nos de Hathor, a vaca, nos de Anúbis, o chacal etc. (GIORDANI, 1983)<sup>3</sup>.

Cada cidade contava com seu próprio deus protetor e cada um deles possuía uma função espiritual ou material para os homens. Os cidadãos egípcios tinham como princípio forte a crença na vida que se perpetuava após a sua morte na vida terrena. O pós-morte seria marcado por um ritual em que as almas seriam julgadas no tribunal do deus Osíris, nesse tribunal, o coração era pesado na balança de justiça de Osíris, e seu peso se relacionava diretamente com as boas e más obras feitas em vida na terra. De um lado da balança estava o coração, do outro, uma pena, se o coração fosse tão leve quanto a pena, ganhava o paraíso, se fosse carregado de obras más e culpa, seria enviado ao deus Ammut (deus das trevas), seu coração seria devorado por ele e não haveria chance de viver no pós-morte.

Com base nas informações discorridas acima, esta pesquisa possui como objetivo lidar com dados que tragam a compreensão do conceito de religião tão amplamente difundido na antiga civilização egípcia. Como a religião esteve ligada nos mais profundos aspectos da vida cotidiana desses cidadãos, e relacionada diretamente com as grandes contribuições advindas do pioneirismo de suas obras, estes apontamentos se tornam a base da justificativa para pesquisar sobre este tema, levando em consideração a pouca quantidade de material disponível sobre esta temática.

O presente trabalho conta com a estrutura de seis capítulos incluindo a introdução. No segundo capítulo, apresentamos a discussão da escolha dos métodos que foram utilizados na coleta de informações para os resultados obtidos. No terceiro, apresentamos dados como localização e costumes da região do Egito Antigo para construir uma contextualização inicial do tema, seguido do quarto capítulo em que discorreremos em detalhes sobre os mitos, lendas e a religião egípcia. No quinto capítulo nos aprofundaremos no culto e adoração aos diversos deuses dessa civilização, trazendo os aspectos essenciais da religião que influenciou

---

<sup>3</sup> GIORDANI, M. C. *História da antiguidade oriental*. 1983.

diretamente os campos sociais, culturais e políticos dessa região e encerrando com as considerações finais sobre o trabalho.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O antigo Egito se constituiu em uma civilização rica em diversos aspectos, sua religiosidade representada por grandes construções com intuito sagrado como templos,

pirâmides, hipogeus<sup>4</sup>, esculturas, relevos e pinturas expressam em suas diversas formas as influências no cotidiano dos egípcios, como também, influências que o próprio mundo ocidental adotou diante da magnitude de sua cultura. Muitos questionamentos são levantados em relação a vida dos habitantes do Egito antigo, muitas, ainda sem resposta diante da complexidade da civilização. A análise bibliográfica foi escolhida como metodologia por ser a ferramenta mais adequada para este tipo de pesquisa, tendo em vista, que trabalhos acadêmicos sobre temas correlacionados a sociedade egípcia ainda são poucos em quantidade na contemporaneidade.

Levando em conta as atuais circunstâncias apresentadas acima, este trabalho se desenvolveu na consulta a autores que relacionam em suas pesquisas a História e a religião do Egito antigo, e dessa forma, construímos olhares reflexivos e críticos acerca do processo de civilização dos egípcios. A revisão de literatura foi escolhida pois através dela podemos chegar o mais perto que se é possível para hoje de uma reflexão autêntica da cultura desse povo. A busca de informações sobre a religiosidade no Egito se deu inicialmente de maneira formal através de leituras de livros e textos acadêmicos que se relacionam com o tema pesquisado, houve também troca de informações com mestres professores e especialistas na temática abordada.

De posse das informações sobre o tema em análise, foi dado prosseguimento nos estudos com a escolha da metodologia, revisão bibliográfica, para formalizar o início da coleta de dados. Tratando-se de um tema que possui um grande número de questões sem respostas, pela distância temporal e escassez de pesquisas na graduação, sobretudo em Alagoas, sobre História Antiga, esta metodologia é um dos principais recursos que um investigador pode utilizar como técnica de coleta de informação, visto que:

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266)

Para prosseguir a investigação, elaboramos uma seleção de livros, artigos e outros documentos que tratam da temática, e estes foram um dos primeiros instrumentos para a coleta de dados, do objeto desta pesquisa, eis alguns: JORGE (2018); BARBOSA (2019); BOCCATO;

---

<sup>4</sup> HIPOGEUS, do grego hypo (abaixo) e gaia (terra), são monumentos funerários subterrâneos do período pré-cristão. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/gl/pt/sepulcralmente>. Acesso em: 21/01/2023.

(2006). COSTA, (2015); CYRIL (1972); DOBERSTEIN (2010); Durkheim (1912); FLAMARIOM (1986); GIORDANI (1983); Histoire Générale de l’Afrique II , (1980)<sup>5</sup>; HARRIS (1993); VERCOUTTER (1968); MOKHTAR (2011); ELIADE (1992); RÜSEN (2010). Após leituras e análises, foi possível chegar aos resultados pretendidos para a proposta de pesquisa, tendo em vista a quantidade de informações disponíveis.

### **3 CONTEXTUALIZANDO O EGITO**

O referencial teórico deste trabalho trata da religião e sua influência no processo civilizatório do antigo Egito. Se o tema deste trabalho é a história da religião, vale lembrar a

---

<sup>5</sup> MOKHTAR “*Origine des anciens Egyptiens*”, in G. Mokhtar, ed., Histoire Générale de l’Afrique, II, Paris, Jeune Afrique - Stock UNESCO, 1980, p. 72.) “grifo do autor”.

corrente histórico-cultural da religião que trata desse relativismo justamente pela grande proporção de obras com esse conteúdo. Nesse contexto, esperamos contribuições da sociologia da religião, especificamente da sociologia francesa de Émilie Durkheim (1858-1917). Segundo este autor, a sociologia é baseada no "fato social" e tem características próprias onde as individualidades foram rejeitadas.

Em *As Formas Básicas da Vida Religiosa*, Durkheim (1968) defende uma teoria geral da religião baseada na própria instituição religiosa. Para Durkheim, toda sociedade é dotada de uma “consciência coletiva”, que podemos chamar de conjunto, ou seja, que todas as pessoas que faziam parte de um mesmo grupo tinham a mesma forma comum, forma de agir e de pensar, já que era tudo comum a todos. A religião era um todo e ao mesmo tempo era apenas uma divisão desse todo, já que havia uma complexidade no sistema por conta dos muitos dogmas, mitos, ritos e cerimônias.

A base da religião, para Durkheim (1968), dividia-se em duas: o profano e o sagrado, e essa dicotomia se fazia necessária para o entendimento da estrutura religiosa, uma vez que para a existência de coisas consideradas santas sempre existirá um ponto em contradição representado pelas coisas profanas. Para os egípcios a religião era primordial na regência do rei, era este que fazia a ligação entre os mundos que existiam entre os deuses, o homem e os mortos no Egito Antigo, e isto se dava através dos cultos oferecidos pelos Faraós. Sabendo que a sociedade é quem vai delimitar o sagrado e o homem deve ter o entendimento do que é o profano, como em qualquer sociedade moderna ou civilização antiga, os egípcios tinham em comum o intuito de obter uma explicação sobre o mundo que os cercava, como também o merecimento das dádivas dos deuses.

Segundo Mokhtar (2011) a civilização egípcia antiga da qual trataremos neste capítulo desenvolveu-se no nordeste africano, mais precisamente às margens do Rio Nilo, por volta de 3.200 a. e. c. quando se deu a unificação do norte e do sul.

O Egito está localizado, em grande parte, paralelo às costas do Mar Vermelho e do Oceano Índico, aos quais tem acesso através de depressões perpendiculares ao curso do rio, o Vale do Nilo, ao sul do paralelo 8º norte até o Mediterrâneo, abre-se amplamente também para oeste, graças aos vales que começam nas regiões do Chade, Tibesti e Ennedi e terminam no próprio Nilo. Finalmente, a larga extensão do Delta, os oásis da Líbia e o istmo de Suez dão-lhe amplo acesso ao Mediterrâneo. Dessa maneira, aberto para leste e oeste, para o sul e o norte, o corredor do Nilo é uma zona de contatos privilegiados não apenas entre as regiões africanas que o margeiam, mas também com os centros mais distantes das civilizações antigas da península Arábica, do Oceano Índico e do mundo mediterrâneo, tanto oriental como ocidental. (MOKHTAR, 2011, p. 11).

Houve três períodos históricos principais, a saber: Antigo Império de 3200 aEC a 2100 aEC, Médio Império de 2100 a E C até 1580 a E C ; e o Novo Império de 1580 aEC a 715 aEC , que desde o seu início foi composto por importantes fatos históricos. Por volta de 3100 aEC, o Faraó Menes I fundou a primeira dinastia egípcia após unir as diferentes culturas do Nilo (Alto e Baixo Egito). Por volta de 2500 aEC. os egípcios começaram a usar papiros para produzir registros de várias naturezas, e por volta de 1580 aEC, o início da escrita do Livro dos Mortos, escritos religiosos e místicos em papiro. Estes foram colocados ao lado das múmias nos sarcófagos que estavam dentro das pirâmides. (MOKHTAR, 2011).

Segundo Mokhtar (2011), por volta de 1260 aEC. dois templos imponentes foram construídos em Abu Simbel (sul do Egito). Um comemora o Faraó Ramsés II, o outro à sua esposa Nefertari. Atualmente, o Templo de Ramsés é um importante complexo arqueológico e um Patrimônio Mundial da UNESCO. No século XIV aEC o faraó Amenhotep IV e sua esposa Nefertiti renunciaram ao politeísmo e implantaram o monoteísmo adorando um deus único: Aton. Mas após a morte deste faraó, o politeísmo voltou. A contextualização deste capítulo, a partir da pesquisa do estudioso Mokhtar, em História Geral da África, II: África Antiga (2010), traz ilustrações para melhor localizar o leitor. A primeira imagem (figura 1 em anexo) detalha o que se sabia sobre o antigo Egito e a vizinha Núbia e suas fronteiras em Elefantina, perto da primeira catarata do Nilo.

O Egito, mais precisamente a região do Vale do Nilo se desenvolveu pela fertilidade de suas terras, mas foi também muito importante em suas fontes históricas, e isto permitiu acesso ao conhecimento de eventos que por milênios aguçou o nosso interesse por essa civilização, como também, nos possibilitou ter uma ideia mais precisa do que se produziu culturalmente por seus povos, do material, do imaterial, do intelectual e religioso do Alto, Médio e Baixo Nilo, até chegarmos aos pântanos do Bahr el-Ghazal (DOBERSTEIN, 2010, p. 38).

O Egito antigo tinha sua sociedade bem dividida (figura 02 em anexo). No topo da pirâmide estava o Faraó, que se autointitulava filho de Amon-Rá, a encarnação de Hórus na Terra, depois se seguem os nobres, camada da sociedade formada pelos mais importantes funcionários da administração do governo e sacerdotes que, devido à importância da religião no Egito, gozavam de privilégios junto aos Faraós. Os sacerdotes ficavam um degrau abaixo, mas com acesso direto ao Faraó. Daí por diante, seguem outras camadas, porém não menos importantes que as anteriores, são estas: soldados, escribas, comerciantes, artesãos, camponeses e escravos.

A partir de agora, descreveremos os achados arqueológicos de grandes faraós que seguem hoje expostos em museus no Continente Europeu. A Pedra de Palermo (figura 03 em

anexo) está atualmente exposta em um museu da cidade de Palermo, Sicília, Itália. É uma laje de diorito esculpida em ambos os lados com os nomes de todos os Faraós que reinaram desde o início da V Dinastia no Egito por volta de 2450 aEC. Mokhtar (2011), diz que a partir da terceira dinastia, a Pedra de Palermo lista não apenas os nomes dos monarcas em ordem de sucessão, mas também os eventos mais importantes de cada dinastia.

Outro achado arqueológico de importância e relevância para os historiadores que pesquisam o tema foi O Papiro de Turim (figura 04 em anexo), que está sob a tutela do museu de Turim, na Itália. Um objeto de grande valor, contendo uma lista de governantes do Egito, bem como os protocolos completos e o número de anos, meses e dias que cada Faraó se manteve no poder, em uma cronologia que não deixa a mínima margem para contestação de quem foi quem na cadeia sucessória. Esse documento, descreve em minúcias todos os Faraós desde as primeiras Dinastias até aproximadamente 1200 aEC. Embora tenha sido encontrado intacto por volta do século XIX, foi manuseado sem o devido cuidado, o que ocasionou grande dano ao artefato, fazendo-se necessária várias restaurações. Podem-se observar algumas particularidades no Papiro de Turim, uma delas é o fato de os Faraós serem postos em séries destacando a Dinastia de Mâneton (MOKHTAR, 2010, p. 39).

Algumas das heranças arqueológicas (figura 05 em anexo) deixadas pelos egípcios antigos são, sem dúvida, os monumentos. Entre eles, podemos citar alguns exemplos dos monumentos que resistiram ao tempo e que são os mais expressivos da arte egípcia, são eles: túmulos e templos que são categorizados assim: Pirâmide (túmulo real destinado ao faraó), Mastaba (túmulo para a nobreza) e Hipogeu (túmulo destinado ao povo).<sup>6</sup>

O Faraó Tutankhamon governou na XVIII Dinastia do Egito. Era filho do Faraó Akhenaton e teve sua tumba descoberta em 1922 pelo pesquisador e arqueólogo britânico Howard Carter, na cidade de Luxor, no Vale dos Reis. Cerca de 3.500 artefatos e seus tesouros reais, foram encontrados praticamente intactos, entre eles o objeto que cobria a face mumificada do Faraó (figura 06 em anexo). A máscara mortuária de Tutankhamon, feita em ouro, pedras semipreciosas e pasta de vidro colorido, possui 54 cm de altura, é datada de cerca de 1350 aEC, está conservada no Museu Egípcio, na cidade do Cairo, Egito.

A máscara mortuária reproduz as características da face humana e representa o morto em seu estado divino, identificado a Osiris e a Rê. As imagens do morto eram todas idealizadas, as das máscaras e as de outros suportes como estátuas e caixões antropomórficos. A idealização não prejudicava a eficácia da máscara como substituto da cabeça do morto. Uma crença fundamental do ritual funerário era a de que a pessoa não podia existir sem sua cabeça e seu rosto. O medo de perder a cabeça no mundo

<sup>6</sup> Disponível em: <https://todasasrespostas.pt/como-se-chamavam-os-tumulos-dos-faraos>. Acesso em 21/03/2023.

dos mortos pode ser observado no capítulo 43 do “Livro dos Mortos”, intitulado “Encantamento para prevenir que um homem seja decapitado no mundo dos mortos”. Além desta função substitutiva, a máscara também garantia a sobrevivência dos elementos que compunham a pessoa, como o *ba*, que precisava de uma referência à sua imagem original para continuar a existir. (VASQUES, 2005, p.32).

Essas importantes peças históricas que ora são utilizadas como objeto de pesquisa por grandes historiadores, trazem luz sobre uma civilização que há muito deixou de existir, porém A Pedra de Palermo, o Papiro de Turim e as listas reais dos monumentos tornam-se ainda mais relevantes para a história do Egito Antigo. É preciso destacar o fato de que os egípcios não adotavam contagem de tempo contínuo ou cíclico, suas contas baseavam-se na pessoa do próprio Faraó; e assim cada datação era estabelecida tendo como referencial o Faraó reinante no tempo em que o documento foi escrito. Tomaremos como exemplo a observação de uma estela<sup>7</sup> nos tempos dos Faraós, que poderia trazer uma data: “*Ano do Faraó N, segundo mês de Akhet (estação), oitavo dia*”. Segundo Flamarion (1988), a contagem começará novamente quando o governante seguinte subir ao trono. Esse costume explica a importância dos escribas conhecerem os nomes de todos os Faraós que reinaram, e a duração de cada reinado, para estabelecer a cronologia.

Os egípcios da antiguidade usaram o calendário lunar principalmente quando o assunto eram as datas dos festejos religiosos. Mas, ao lado desse calendário astronômico, usavam outros métodos de contagem do tempo. Sabe-se que os egípcios tinham a agricultura como principal fonte de comércio, era um povo voltado para o campo, o dia a dia era regido pelo trabalho agrícola em seu tempo. Estes faziam a sementeira, maturação, colheita, preparação de novas sementes para novos cultivos.

Flamarion (1988) também nos explica que era comum que no Egito as chamadas cheias dos rios, como o Nilo, acabassem determinando o destino das colheitas de quem trabalhava no plantio, isso poderia significar colheitas de fartura ou tempos difíceis na quantidade de alimentos. Essas cheias não só eram importantes para o bom andamento das colheitas, mas também definiam tanto o início das colheitas como o início das festividades religiosas que com elas vinham. Os egípcios eram adeptos do calendário lunar, mas nem todos seguiam esse modelo, os que habitavam o Delta do rio Nilo, por exemplo, seguiam uma espécie de calendário natural em que se baseavam nos fenômenos meteorológicos na esperança de prever as cheias do rio.

---

<sup>7</sup> Brancaglioni Jr “*Arte e Arqueologia do Egito Antigo: exemplares egípcios da exposição.*” *Cerâmicas Antigas da Quinta da Boa Vista*. Museu Nacional de Belas Artes, 1995.

Segundo Flamarion (1988) o calendário usado pelos egípcios antigos era dividido da seguinte forma: a primeira estação do ano, Akhet em egípcio, marcava o começo das cheias do Rio Nilo. As águas que traziam a fertilidade para as terras serem cultivadas subiam lentamente e pouco a pouco, cobrindo a terra ressecada pelo sol causticante do deserto. Com a tecnologia do arado, que vemos até hoje nas culturas modernas, e herança dessa civilização, as águas eram direcionadas para os campos mais distantes da margem do Rio Nilo, assim as terras se mantinham encharcadas durante quatro meses, aproximadamente, o que era suficiente para se ter uma boa colheita.

Segundo Harris (1993) na segunda estação a terra, que ficava bastante molhada, aos poucos emergia da inundação rica em nutrientes e estava pronta para a semeadura. Essa estação era chamada de Peret que significava literalmente “sair”, este termo faz alusão à terra que “sai” que surge das águas e, ao mesmo tempo, à “saída”, com a diminuição das águas que voltaram o leito normal do Rio Nilo irá acontecer um milagre da natureza, a semeadura e a brotação. Quando terminava a semeadura o camponês aguardava a germinação e a maturação dos grãos. A partir de então se iniciava a terceira e última estação, quando os egípcios colhiam e estocavam toda colheita. Agora eles tinham apenas que esperar e rezar por uma nova e grande enchente e preparar os campos para a sua chegada. Essa era a estação Shemu. Considerando as informações coletadas por pesquisadores anteriormente citados, é importante salientar que a quantidade de estações do ano egípcio são três e não quatro como conhecemos hoje.

Como os dozes meses lunares totalizam em média 354 dias – cerca de onze dias menos do que o ano natural – sempre que o crescente de Sótis ocorria nos últimos onze dias do mês de wep renpet, o mês seguinte não era adotado como o primeiro do calendário, mas sim como um mês intercalado ou extra; com isso, o ano seguinte tornava-se um “grande” ano de treze meses, cerca de 384 dias, o que mantinha o crescente de Sótis seguramente em seu mês. (HARRIS, 1993, p. 29)

O calendário lunar provavelmente foi utilizado pelos egípcios por muitos anos. Para eles o início do ano se dava com o começo das cheias, então começava a estação Akhet, e sua duração tinha fim com o recuo das águas do Rio Nilo, dando lugar ao início a estação Peret, por sua vez, esta terminava quando os grãos maduravam estavam prontos para serem colhidos, e como foi anteriormente comentado, a terceira e última estação era chamada de Shemu, que só terminava com o início de novas cheias.

A permanência das primeiras populações às margens do Rio Nilo foi um processo longo e demorado. Para que isso se concretizasse houve disputas acirradas entre os mais diferentes grupos pela posse das terras mais produtivas ao longo do Rio Nilo e na região do Delta do Rio.

É sabido que havia grandes migrações naquele tempo, não pela escassez de água e sim porque o povo daquela época era por natureza nômade e estavam sempre em movimento. Foi com a chegada desses povos, vindos do leste, do oeste e do sul que surgiram os primeiros povoamentos nas margens do Rio Nilo, e estes grupos se fixaram no vasto território ao longo do Vale do Rio Nilo.

O povoamento do Egito é questão das mais discutidas. Há algumas décadas a teoria mais corrente a respeito ligava-o à formação da ecologia atual do norte da África. Isto porque, durante milênios, o atual deserto do Saara foi região de savanas, habitada por caçadores, pescadores e posteriormente por criadores de gado e agricultores. A medida, porém, que se foi dando o progressivo ressecamento climático responsável pela formação do grande deserto, sendo o Nilo um curso de água perene - por não depender das escassas chuvas egípcias, e sim de fenômenos atmosféricos que se dão bem mais ao sul, na região dos grandes lagos africanos e da Abissínia -, o seu vale foi atraindo cada vez mais saarianos “brancos”, do grupo linguístico chamado hamita, aos quais se misturaram semitas ou protosemitas vindos da Ásia ocidental pelo istmo do Sinai ou atravessando o Mar Vermelho, e negroides que desceram o vale do Nilo no sentido sul-norte. (FLAMARION, 1988, p. 04)

Sem dúvidas o grande feito dos primeiros egípcios foi a dominação das terras mais distantes da margem do Rio Nilo. Era grande a parcela de egípcios instalada em terras pouco produtivas acima das planícies que não eram beneficiadas pela aluvião<sup>8</sup>, trazida pelas cheias do Rio Nilo, essas áreas tinham uma elevação que não permitia o cultivo, porém com a necessidade de se produzir lavrando a terra, os egípcios conseguiram fazer com que o terreno infértil passasse a ser cultivável em seu entorno, tornando-o próprio ao cultivo. Pântanos foram drenados, construíram diques para servir de represa e para levar as águas a pontos mais distantes das margens do Rio Nilo. Tais feitos serviram para que houvesse um trabalho de cooperação entre os agricultores, e isto possibilitou um maior e mais rápido desenvolvimento da estrutura organizacional da política de cada província.

O Egito, diferentemente da maioria dos países africanos, foi privilegiado com sua localização geográfica, pelo fato de o país estar na extremidade nordeste do continente, e um sólido poder político. É pequena a sua extensão territorial se for feita uma comparação com outras nações do bloco do qual faz parte, porém, ali se deu início a uma das mais importantes civilizações que conhecemos. Privilegiada pela natureza que caprichosamente fez uma divisão do país em duas partes distintas, as estreitas faixas de terras férteis que margeavam o Rio Nilo, partindo de Assuã até chegar à região atual do Cairo, região esta que é conhecida como Alto Egito. Existia também uma faixa do Egito que tem a formação de um Delta antes do Rio Nilo se encontrando com o mar, e a sua formação triangular é resultado da acumulação do limo do

---

<sup>8</sup> Aluvião se trata de uma inundação que atinge os montantes de terra, assim, beneficiando o solo para cultivo de alimentos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aluviao/>. Acesso em 21/03/2023

Rio, que corre para o norte em direção ao Mediterrâneo, região esta que é denominada de Baixo Egito ou Delta do Nilo.

Há quem se extasie muito a respeito da estabilidade do povo egípcio... Esta característica... foi favorecida pela necessidade de um governo politicamente forte para assegurar a irrigação... (cuja) manutenção não pode ser assegurada senão por um poder central forte que a saiba impor a todas as províncias. Assim, todo o sistema político egípcio repousa sobre uma necessidade física, geográfica, da qual não temos equivalente algum em nossas sociedades ocidentais. (VERCOUTTER, 1968, p. 18.)

Pelo que se tem conhecimento hoje, a submissão do reino do Baixo Egito pelo soberano do Alto Egito, ocasionando assim a junção dos dois reinos, foi considerado o primeiro evento relevante historicamente de que se tem notícia. À época o soberano chamava-se Menés pela tradição, este foi o fundador da I Dinastia de governantes, depois foram fundadas cerca de trinta outras Dinastias, e foi o historiador egípcio Mâneton quem dividiu e catalogou as longas linhagens desses soberanos até a época de Alexandre, o “Grande”. Menés e seus familiares residiram em Tínis, no Alto Egito, que na época foi o mais importante centro econômico, social e cultural da província, esta cidade era considerada sagrada, pois em Abidos existia o templo do deus Osíres.

Para Flamarion (1986), há indícios de que a unificação do Egito manteve o caráter de uma monarquia dual, ainda incerta. Aha parece ter se casado com uma princesa do Delta, talvez para pacificar a região conquistada, e talvez seus sucessores também. O primeiro rei da Segunda Dinastia adotou o nome de Hetepsekhemui, que significa "os dois poderes reconciliados", talvez indicando que a tentativa de secessão do Reino do Norte teve que ser superada. O Oriente Médio se tornaria mais avançado culturalmente do que a aldeia sul-africana mais próxima. Assim, as tradições culturais típicas do Egito teriam se originado no norte e se espalhado para o sul a partir dali. Só mais tarde se deu a unificação definitiva, o sul conquistando o norte na direção oposta, obra do primeiro faraó que pode usar três nomes: Narmer, Menés e Scorpion.

Como se sabe, a cultura popular sobrevive apenas quando é preservada, mas a cultura do final do período pré-dinástico perdurou trezentos anos após a dinastia dos primeiros povos do Egito, mas com o fortalecimento da unidade política. Durante as dinastias III e IV, o novo estado atinge a estabilidade. Isso só foi possível na forma de um novo dogma, que o governante do Egito considerava sobre-humano, na forma de um verdadeiro deus vivo com poder para governar as pessoas. A divindade autoproclamada do faraó não era fácil de definir, pois vem das primeiras dinastias e visava criar um poder unificado nas duas regiões.

#### 4 EGITO ANTIGO: RELIGIÃO, LENDAS E MITOS

Ao longo desta pesquisa onde se tentou achar um entendimento ou um esclarecimento de como se deu todo processo civilizatório nos primórdios do Egito Antigo, é importante também que se faça um retorno no tempo histórico do povo que deu início a esta civilização. Percebe-se que não se pode ignorar todo contexto da formação deste Império, e em revisões de pesquisas anteriores a este trabalho pode-se observar que a cultura de um povo não é um objeto ou uma coisa que pode ser deixada para trás quando do deslocamento para outra região. A cultura de um povo é algo que vai sempre estar atrelada a seus costumes e foi assim com os primeiros habitantes a chegar às regiões que pertenciam ao Rio Nilo (anexo).

Deixar de jogar luz sobre esta questão é negar a importância da contribuição dos povos migratórios que povoaram a região nordeste do Egito Antigo. No entanto não se pode omitir a importância dos povos primitivos no processo civilizatório desta região da África, nem ocultar a influência da religiosidade que os novos habitantes traziam consigo tatuando e marcando uma nova impressão social e cultural no novo país.

O Egito antigo foi berço de uma rica e próspera civilização, em muitas vistas a mais importante de sua época. Ela também chama para si o título de a mais tolerante quando se trata de religião, pois como já foi esclarecido anteriormente, a crença era politeísta e se adoravam as mais diferentes deidades. E nesta linha de pensamento podemos afirmar que o Egito em sua formação sofre aporte de substratos de outras civilizações, passando por um grande processo de influências religiosas e culturais importadas das mais distintas regiões.

Os personagens da mitologia egípcia são deuses que perderam seu caráter inacessível por serem apresentados com os defeitos e virtudes típicos dos seres humanos. Tais lendas surgiram de várias regiões, espalharam-se por todo o país e fundiram-se com outras tradições para formar o pano de fundo lendário comum do povo egípcio. Mesmo a religião oficial dos sacerdotes e dos templos não pode escapar da influência do povo. Pode-se dizer que essas lendas transformavam os deuses em seres vivos com características muito pessoais. Eles também eram o que fazia as pessoas terem simpatia por um deus e aversão por outro. E é somente graças à lenda que Ísis se tornou a deusa benevolente, Thoth o mais justo de todos os juizes e Seth o deus do "mal".

Osíris possui o protagonismo das lendas egípcias e está nelas desde o início. Existem muitas versões da lenda de Osíris, a lenda que está nas pirâmides é retratada como a existente no Antigo Império na dinastia XVIII, já a exposição de Plutarco apresenta a versão mais recente da lenda. Em todas as versões encontramos alguns pontos principais, dentre os quais contam

que Osíris seria o filho mais velho do deus-terra (Geb) e da deusa-céu (Nut), dos dois deuses, Osíris herda um grande Império, o universo todo. Osíris é caracterizado como um rei justiceiro, vitorioso e auxiliado por sua esposa Ísis. (JORGE, 2018, p. 44).

Para Jorge (2018) é preciso conhecer duas vertentes da teologia para chegar à compreensão da religião egípcia, essas vertentes eram destaque em duas das cidades do Egito, são elas: Hermópolis e Heliópolis. Essas cidades foram duas das mais importantes do Egito Antigo, onde se encontravam grandes centros religiosos e intelectuais. Na teologia que era pregada ensinava-se que, antes de tudo se formar na terra, havia um grande oceano tenebroso, inerte e líquido representando um completo caos, esse oceano chamava-se Nun. De Nun se originou o sol (Atun) que deu origem aos primeiros deuses que representaram o ar e a umidade, juntos, foram responsáveis pela formação do céu e da terra, que por sua vez, geram Osíris, Ísis, Seth e Nefts. Os quatro primeiros deuses do universo formam a enseada da cidade de Heliópolis.

Já na cidade de Hermópolis se levanta uma reação contrária a dominação heliopolitana da religião, fazendo com que formem a sua própria versão da origem do mundo. Para os habitantes de Hermópolis o sol teria surgido de uma octoade de deuses que possuem formas de rãs ou de serpentes, esses deuses teriam feito um ovo e deste ovo surge o sol, que logo após cria o restante do mundo. Locais como Menfis e Tebas exercem essa doutrina de Hermópolis. (JORGE, 2018, p. 45).

Segundo Giordani (1983), esse período de formação das vertentes teológicas representou pontos importantes da religião, desde o sacro, até o considerado herético por meio da figura de Amenofis IV (Aquenaton) servidor de Aton. Nos túmulos de Tell-el-Amarna se encontram escritos hinos e preces, Tell-el-Amarna, foi a região onde surgiu a capital da religião divina dominante. Amenofis IV operou uma inovação religiosa como contra-argumento do reinado anterior ao seu, que prezava pelo predomínio de Amon e da tradição heliopolitana, o culto ao deus sol. Para além da doutrina a reforma se estendeu para a imagem de Aton, que passou a ser considerado um disco solar com raios em direção a terra. Este novo reinado foi marcado por ideias humanitárias e igualitárias de um povo que não se distingue diante de um deus.

O novo faraó, que possuía ascendência semita da parte de seu avô, representava a totalidade de todos os lugares do seu império, o mundo, para ele, era uma entidade submetida a apenas um deus que criou todas as formas de vida. A religião politeísta passa a ser monoteísta sob seu governo, criando assim, a maior revolução religiosa já feita por um soberano egípcio. Dentre as novas regras, estava a abolição do culto aos outros deuses existentes, estava permitido apenas o culto ao Aton que foi o criador da Terra. O deus Aton, segundo a cosmogonia, não se

tratava de um deus supremo ou novo, ele era um criador, que irradiava por meio de seus raios, a vida e justiça de um espírito puro. O culto a Aton é simbolizado nos grandes ofícios públicos como uma adoração de fé e esperança. Aton é independente, opera sozinho, e sem precisar de subterfúgios. (JORGE, 2018, p. 46).

## **5 O CULTO E A ADORAÇÃO NO EGITO ANTIGO**

Segundo Jorge (2018), havia dois tipos de adoração no Egito: oficial e pessoal. O culto oficial ocorria em um templo, um verdadeiro palácio construído de pedra para durar sempre, porque os deuses eram eternos. Em teoria, o único sacerdote era o faraó, o mediador da humanidade, mas na realidade vários sacerdotes realizavam o serviço. Sempre houve muitos sumos sacerdotes e podiam ser homens e mulheres. Normalmente, os sacerdotes adoravam a deusa e os sacerdotes adoravam o deus, e essa não era uma regra obrigatória. Os sacerdotes egípcios enfrentaram um longo processo educacional e conseguiram fundar famílias como qualquer pessoa. Esses crentes eram responsáveis por adorar os deuses, manter o templo e organizar festivais religiosos. Eles também desempenharam um papel na comunidade local organizando funerais, casamentos e atuando como curandeiros. A adoração dos deuses nos templos era limitada a eles.

No entanto, sua influência e função variaram de acordo com diferentes períodos históricos. Em torno dela surgiu uma oligarquia do Império Antigo, que começou como um culto ritual profissional, que gradualmente monopolizou a liderança religiosa, conquistou os templos e suas terras e se tornou cada vez mais livre de controle real. No Império Novo, o rei estava cercado por uma verdadeira aristocracia hereditária de oficiais, sacerdotes e altos chefes militares, que às vezes ameaçavam seu poder. Segundo Flamarion (1986), são atestados, ainda que pontuais, casos de reforma de quadros aristocráticos juntamente com o povo, em que as carreiras, sobretudo de homens de letras ou de militares, poderiam abrir caminho para a ascensão social; em geral, porém, havia uma tendência de criar verdadeiras castas hereditárias em todos os níveis do corpo social.

Para presenciar o ritual de culto ao deus no templo era necessário ser iniciado. Algumas normas também precisavam ser seguidas pelos sacerdotes, que deveriam estar purificados com vestes adequadas, o ídolo do ritual era construído de madeira dourada, dimensões médias e era usado cotidianamente. Para o ritual, eram espalhados unguentos em cima da estátua que ficava incensada, junto a isso, recitavam os hinos de adoração ao deus. A estátua não tinha vida própria, mas o sacerdote a tratava como se tivesse, apresentava a ela o olho de Hórus que fora

arrancado por um de seus desafetos, o deus Seth, também lhe mostrava a estátua de Maat, filha de Rá. Tudo é lavado, incensado e perfumado antes de colocar diante do ídolo a refeição que será consumida pelo fogo. Para o final, purificações são feitas com natrão, água e terebinto, dá-se por fim o ritual. (JORGE, 2018, p. 47).

Os egípcios também matavam vítimas à maneira dos ritos semíticos, mas isso era feito separadamente, sem ação religiosa e sem o maior interesse da divindade. Os egípcios aparentemente não participaram das cerimônias. Fato curioso é que as mulheres desempenhavam um papel muito importante na sociedade egípcia e tinham praticamente os mesmos direitos que os homens, chegando a ter papéis de sacerdotisas, assim como os homens sacerdotes do Egito Antigo. Assim, a participação feminina na religiosidade também se fazia presente.

Os habitantes do Egito, segundo Jorge (2018), foram pioneiros na celebração de festas religiosas para todo o povo, se tratava de grandes procissões para homenagear os deuses. Nessas festas, as imagens saíam do seu local de costume, eram carregadas para fora dos seus recintos sagrados, e os sacerdotes se encarregavam de colocá-las em locais preparados especialmente para elas, durante as procissões, elas recebiam a adoração do povo. O culto acabou encontrando alguns obstáculos por conta da dificuldade de esse aproximar das imagens, fazendo com que vários cultos pessoais existissem separadamente, como já foram encontrados vestígios.

As fontes para os estudos das crenças dos egípcios são inúmeras. Em primeiro lugar temos os túmulos construídos em pedra para durarem eternamente, dentro dos túmulos temos as inscrições, fórmulas mágicas etc. Os textos das pirâmides, compilações do Antigo Império, gravadas principalmente no interior das pirâmides da V e da VI Dinastia, os textos dos sarcófagos, compilações que remontam a IX Dinastia, O Livro dos Mortos, compilações que substituem os textos dos sarcófagos no início da XVIII Dinastia, e as composições encontradas nos Vales dos Reis. Estes constituem as fontes para estudo das ideias dos antigos egípcios sobre o pós-vida. (JORGE, 2018. p. 48).

Para Giordani (1983), a crença egípcia girava em torno da composição de um corpo humano e de dois elementos básicos espirituais, estes últimos, independentes de qualquer matéria. O BA (simbolizado por um pássaro com cabeça de humano), representava a alma e o KA (seria uma espécie de gênio protetor que já nascia com o homem e continuava com ele após a sua morte), tendo em vista esses simbolismos, não existia de fato, uma separação de lugares para onde o corpo e a alma iriam após a sua morte. Para os egípcios, também era comum a crença de que o cadáver mantinha relações diretas com a alma após a morte. A vida nos pós-morte, em que tanto acreditavam, pode explicar a alta preocupação na conservação dos cadáveres, a partir daí, que surge a prática da mumificação.

A crença na vida pós-morte também explica a preocupação dos egípcios com a conservação dos corpos, uma vez que a continuidade da vida estava condicionada a sua preservação na Terra. Desse modo, era necessário que os corpos fossem cuidados, por isso os egípcios mumificavam seus mortos. Como dito, segundo a cultura egípcia, o homem possuía duas “almas”, o BA e o KA, sem as quais ninguém poderia viver. (JORGE, 2018, p. 48).

Jorge (2018) também salienta que a forte crença no pós-morte é evidenciada durante toda a sua longa trajetória na História, e é responsável pela criação dos rituais elaborados de funeral dos seus mortos e da arte egípcia. Os mortos possuíam um reino específico para eles, em um subterrâneo, onde se atuava em atividades muito parecidas com as atividades terrenas. Nessas atividades, os mortos também precisavam ter cuidado para não morrer novamente, se isto acontecesse, morreriam definitivamente sem ter uma nova chance. Para exemplificar, um defunto poderia morrer de fome caso as oferendas não chegassem mais até eles pelos cultos funerários. Os vivos deveriam cumprir com estas obrigações sob pena de ser castigados pelos mortos.

Além da crença no reino subterrâneo dos mortos, existia também a crença em paraísos mais atraentes e acolhedores. Tais crenças se demonstravam em determinados cultos como o de Osíris e o culto ao sol. O céu de Osíris ficava no ocidente, região extraterrena, o reino de Osíris era identificado ora como o campo das oferendas ou ainda como Ialu que os gregos chamavam de campos Elíseos. Esse era o paraíso que Osíris reservava para os fiéis. Um dos episódios mais famosos da vida além-túmulo está exposto na página 125 do Livro dos Mortos: os julgamentos dos mortos. Neste está presente um aspecto moral da lenda osiriana introduzido na fê egípcia, onde não seria o homem mais poderoso e nobre que venceria a morte, mas o justo e o inocente. (JORGE, 2018, p. 50).

Osíris, deus da morte, é um dos deuses mais antigos da crença religiosa egípcia, mas, teve que perpassar alguns caminhos até se tornar uma crença consolidada no Império. A mais famosa das lendas certamente é a do julgamento, na qual, Osíris está sentado em seu trono, e com o auxílio de 42 juízes, juntamente com Hórus, Anúbis e Thoth, assistem ao devorador dos mortos (formado de diferentes partes de animais) fazer o seu trabalho. Para Hórus e Anúbis, fica a tarefa de pesar o coração do morto na balança do Equilíbrio, onde se verificará o peso do coração em relação a uma estátua, os escribas anotam os resultados da pesagem e comunicam a Osíris. Se condenados, serão devorados, se forem justificados, são levados até Osíris. A defesa das almas consiste em dizer o que se fez na vida terrena, o morto pode afirmar: *“Não cometi injustiça contra os homens. Não maltratei os animais. Não fiz mal em lugar da justiça. Não blasfemei contra deus. Não empobrecei um pobre. Não fiz sofrer. Não fiz chorar. Não matei. [...]”*. (GIORDANI, 1983, p. 114).

Pode-se perceber que a religião do Egito Antigo dominava diversos campos e influenciava muito o cotidiano da época. A principal característica desta religião é a sua

insistência na imortalidade. Se Osíris, o Rio Nilo e todas as suas plantas estão mortas e renascidas, por que não o mesmo para os humanos. A preservação dos mortos permitia afirmar essa crença que dominava há milhares de anos. Pode-se dizer que os egípcios formaram uma civilização extremamente religiosa, não divorciada de sua formação social, econômica e política. Tudo é religioso, do nascer ao pôr do sol. A confiança dos egípcios no fluxo e refluxo do Rio Nilo é uma maneira de explicar a deificação da natureza. Para os egípcios, a vida poderia durar para sempre. Enquanto a alma encontra-se na tumba, destinada a ser sua morada. Itens necessários para a vida após a morte, como alimentos, roupas etc., foram colocados nesses túmulos. Nesse sentido, os rituais religiosos determinam o ritmo da vida social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucinto estudo trouxe a clareza de que quando a temática é Egito Antigo nenhum trabalho é conclusivo. Para além disso, muito se observou sobre os diversos aspectos da religião aqui abordados, que ajudaram a explicar quão importante foi a religião para os antigos egípcios. Os deuses eram parte da cultura civilizatória dos egípcios e estavam associados ao cotidiano desse povo, diretamente ligados aos elementos da natureza e seus fenômenos como água, céu, terra, vida e morte. Não à toa, o homem, em sua incessante busca pela sobrevivência, percebe que deveria conviver em harmonia com o que tinham de mais importante em uma região tórrida, as águas do Rio Nilo e ali ficariam para sempre. A religião tornou-se assim em um elemento de dimensão mais que cultural, pois alimentou intimamente a dinâmica do imaginário cultural e social da crença egípcia.

Este trabalho no seu desenvolvimento também possibilitou uma análise da relação entre a religião e suas práticas do cotidiano social egípcio. Percebe-se que tudo era regido pela religião, política, economia e cultura. Esses indícios foram encontrados em todos os trabalhos anteriormente publicados e analisados por este autor. Não passou despercebida a grande relação que existe entre as literaturas que foram abordadas com a mesma temática, sempre discorrendo sobre os regentes, os governos, a religião e a arte no Egito Antigo, todas se apresentam nas mais variadas formas de interpretações. Sendo assim, foi observado que o assunto é mais complexo do que o imaginado.

Também se conclui que a religião foi a mais importante representação da crença dos egípcios e estes se valeram dos mais distintos recursos para deixar à posteridade seus feitos e seus conhecimentos sobre a civilização a que pertenceram, nas mais variadas formas de ilustrações encontradas nas paredes, dos templos e nos pergaminhos, que podiam ser decodificados por aqueles que não sabiam ler os hieróglifos. Os fragmentos de textos deixados nos trazem um pífio conhecimento sobre a importância da religião praticada pelos egípcios, mas foram os demais objetos encontrados em escavações que colaboraram para que houvesse a confirmação do que se pesquisava, os sítios arqueológicos encontrados, pirâmides, túmulos e edifícios do povo egípcio nos forneceram detalhadas informações sobre o objeto desta pesquisa. Muito do que foi deixado pelos egípcios está sob as areias do deserto e muito do que gostaríamos de saber da existência desse povo não foi revelado ainda.

Destacaram-se aqui os indícios das práticas e crenças no período Pré-Dinástico tais como o culto as sepulturas, objetos que representavam os deuses e o culto ritualístico. Desponta também o período Dinástico e a crença no deus único, criador do universo ordenado como o

conhecemos hoje de onde gerou a multiplicidade dos seres; que atos sociais e construções atuavam como representantes simbólicos; os centros religiosos e suas respectivas cosmologias, a crença na ordem cósmica, bem como a crença no ciclo da natureza, nascimento-morte-renascimento, e como estes entendiam a divisão dos mundos.

A pesquisa trouxe à luz um novo entendimento sobre a relação entre a religião e o cotidiano social egípcio e uma nova ótica sobre o que já se falou desta temática. Nota-se que os povos que ali chegaram oriundos das mais diversas regiões da África levaram consigo seus costumes e crenças tornando o Egito uma grande civilização, influenciando diretamente na construção histórica do Egito Antigo. Porém chega-se ao entendimento que dentre os diversos vestígios deixados por tão rica civilização há sempre a abertura para outras possibilidades e outras interpretações sobre esse período histórico aqui pesquisado, repleto de misticismo e simbolismos. Depois de tudo que aqui foi exposto e de tudo que foi pesquisado chegamos à seguinte conclusão: realmente houve um deus que tornou possível o desenvolvimento do Egito, o Rio Nilo. Um deus que realmente fez os grandes milagres acontecerem para todo povo egípcio.

Ao final, entendemos que este trabalho tem grande relevância para o curso de História e servirá para subsidiar os atuais e futuros profissionais desta disciplina. Porém, para quem já é graduado é mais uma ferramenta de auxílio para os futuros professores, pois sabemos que não podemos negligenciar ou passar por esta experiência de forma superficial, visto que a História será uma companheira permanente na construção dos saberes e da formação de muitos cidadãos.

Portanto, seremos guardiões do processo de oferecer aos estudantes da Educação Básica, sobretudo, não só estímulo, mas uma compreensão mais ampla da realidade em que estes estão inseridos por intermédio da disciplina de História. O papel do professor neste processo não é somente a reprodução dos conhecimentos já construídos, tendo em vista que estes devem ter um conhecimento mais científico construído e que será continuamente aprimorado para mais proporcionar ao aluno o contato com conhecimentos que estão além das salas de aula e o profissional de História participará desta construção, questionando-o, instigando-o e provocando-o. Espera-se que este trabalho tenha trazido novos elementos que possam estreitar o hiato que existe nas produções acadêmicas dos cursos de licenciatura em História com elementos teóricos e práticos para esta temática.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Michelle Fonseca. **O Sagrado no Egito Antigo**. Disponível em: [periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/download/15376/8737](http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/download/15376/8737). Acesso em: 14 jul. 2019.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões e debates**, Curitiba, v. 55, n. 2, p. 13-42, jul. 2011. ISSN: 0100-6932 e e-ISSN: 2447-8261.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade da Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set. 2006.
- BRANCAGLION Antonio Junior. **Manual de arte e arqueologia do Egito Antigo II**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004.
- COSTA, Emerson Roberto da. Da relação entre religião e política: instrumentalização da dominação ou vislumbres de libertação. **Caminhando**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 89-99, jan. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-3828>.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **O Egito Antigo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: Paris: PUF, 1968.
- EGIPTO. **Camadas sociais do Egito Antigo**. 2022. Disponível em: <https://www.egipto.com.br/camadas-sociais-egito-antigo/index.php>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Portugal: Asa, 1993.
- FURLANI, João Carlos. **A África no mundo Antigo**: possibilidades de ensino e pesquisa. Espírito Santo: Milfontes, 2019.
- FLAMARION, Ciro. **Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FLAMARION, Ciro. **Sociedades do Antigo Oriente**. São Paulo: Ática, 1995.
- GUIMARÃES, Filipe. **Arqueologia da Religião**: método e interpretação do produto artístico da religião. Macapá: Unifap, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da antiguidade oriental**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- HARRIS, J. R. **O Legado do Egito**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HERTZ, Robert. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Ciências Sociais em perspectiva**, São Paulo, v. 10, n 19, p 1-7, jul. 2011. ISSN: 1981-4747.
- JORGE, Arthur Marques. **A religião como fator civilizatório no Egito Antigo**. 2018. 56 f.

TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

LINCOLN, Yvonna. **planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAFER, Celso *et al.* **Estado Laico, intolerância e diversidade religiosa no Brasil**: pesquisa, reflexões e debates. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

MOKHTAR Gamal. **História Geral da África. vol. II - África Antiga**. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, Juliana Porto *et al.* Os reveses do ensino de História Antiga no Brasil. **Relacult**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 1-11, abr. 2019.

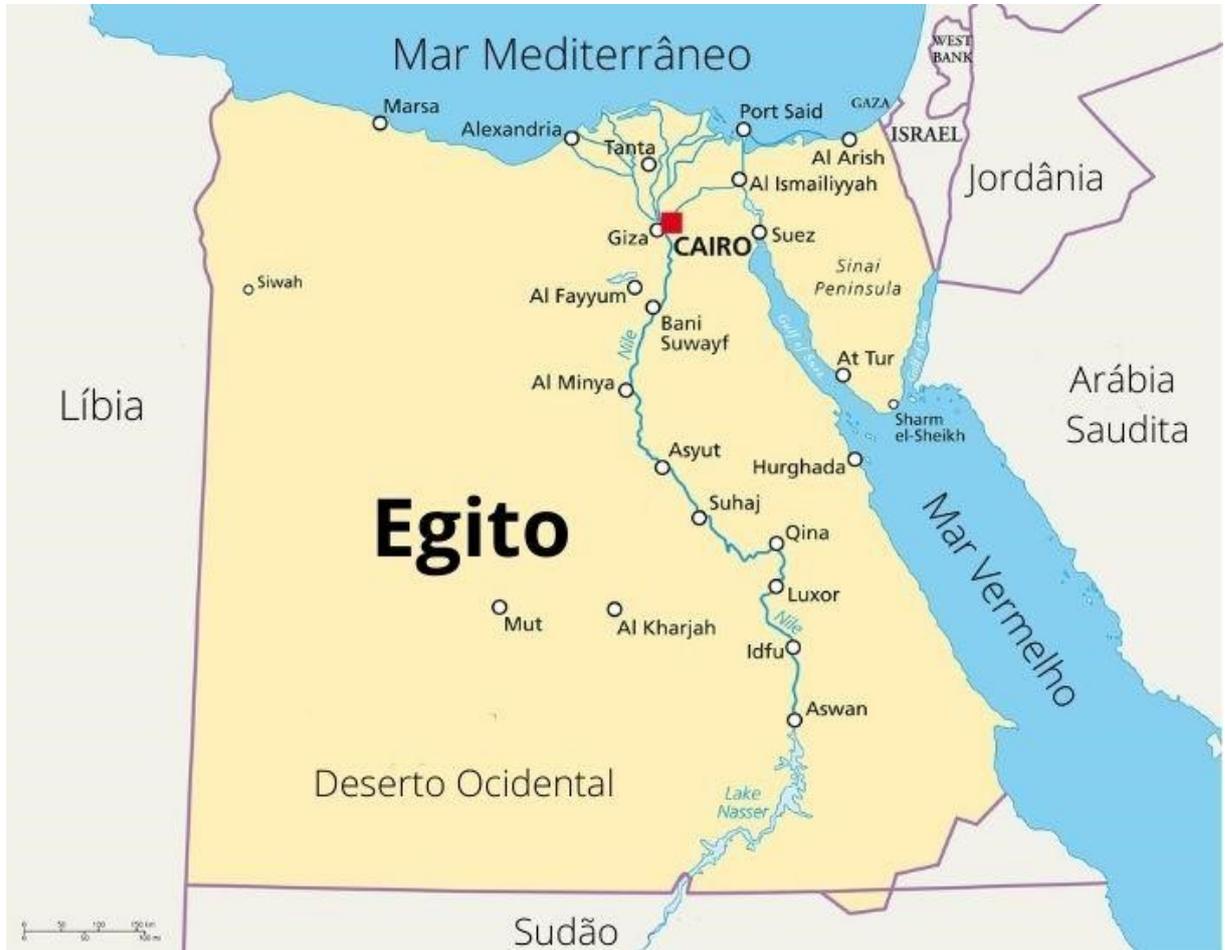
MARTINS, Ivan Barbosa. **Propriedade privada e meio ambiente**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ROCHA, Sabrina Magalhães. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. **História da Historiografia**, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 103-107, ago. 2008.

VASQUES, Marcia Severina. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia**. 2005. 161 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

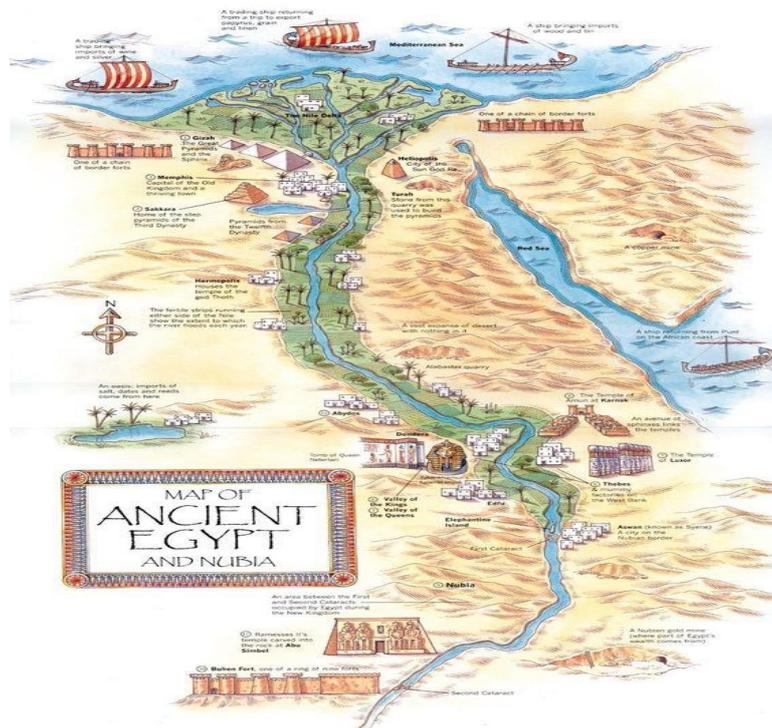
## ANEXOS

Figura 01: Mapa do Egito Antigo. localização



Fonte: Mapa do Egito Antigo, localização. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/egito-1.htm>. Acesso em: 02/04/2023.

Figura 02: Mapa do Egito Antigo e Nubia.



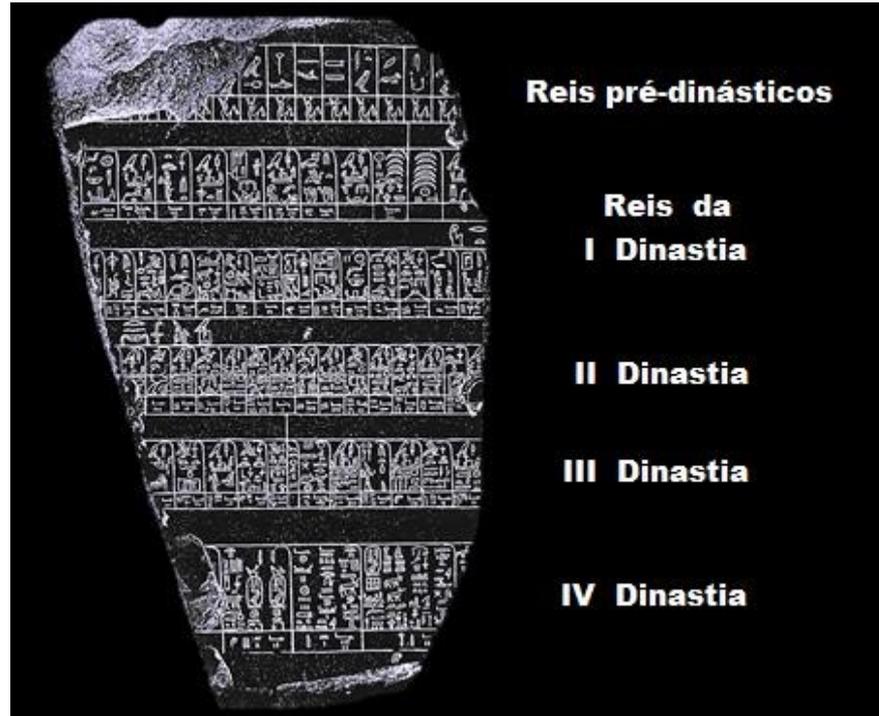
Fonte: CYRIL, 1972, p. 33

Figura 03: Pirâmide social egípcia.



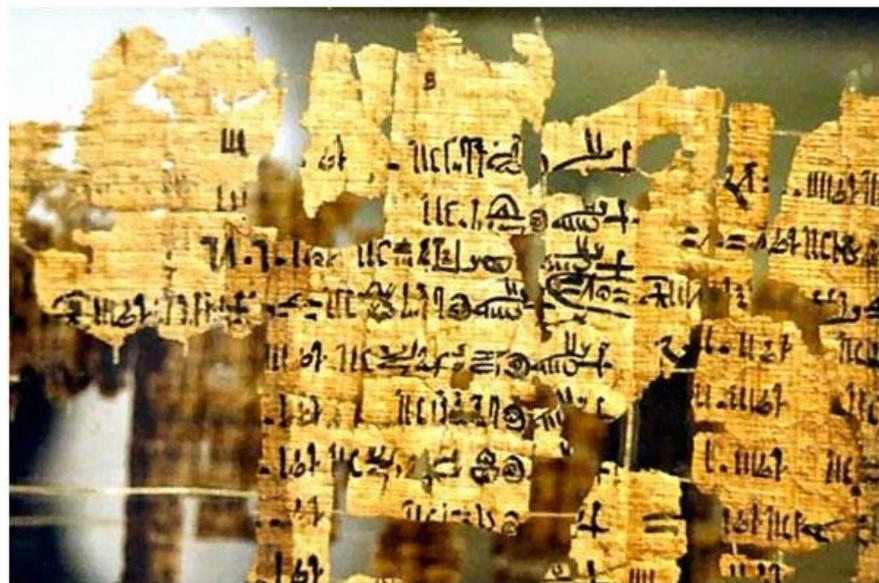
Fonte: A sociedade egípcia. Gráfico da pirâmide social. Disponível em: <https://antigoegito.org/a-sociedade-egipc> Acesso em: 21/01/2023.

Figura 04: Pedra de Palermo da V Dinastia.



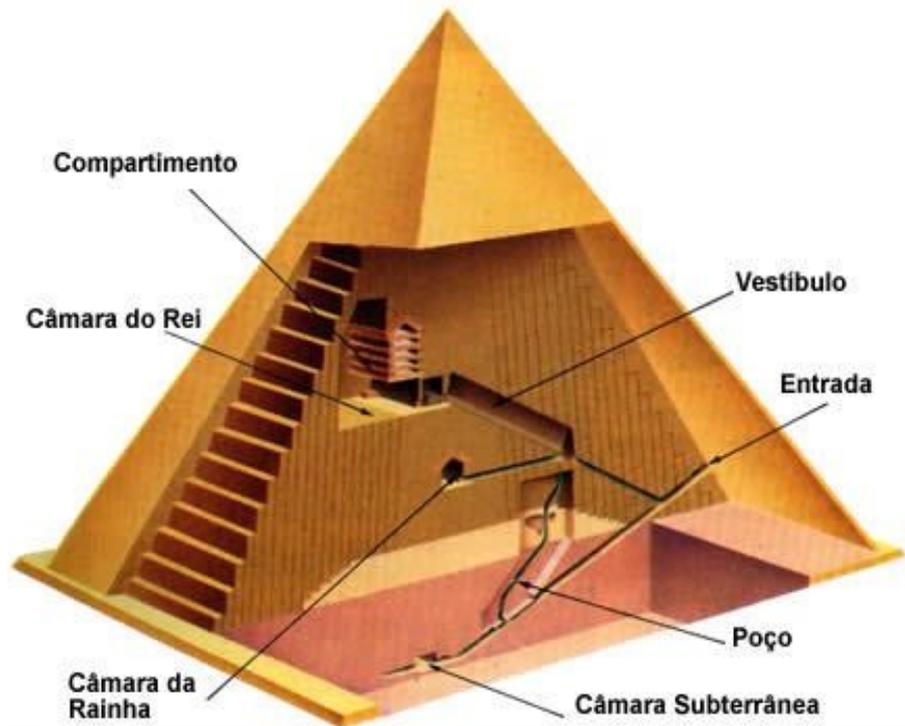
Fonte: A. H. Gardiner, “The Egypt of the Pharaohs”, Oxford University Press, 1961.

Figura 05: O Papiro Real de Turim.



Fonte: JORGE, 2018, p. 16

Figura 05 – Esquema geral interno: pirâmide.



Fonte: Como foram erguidas as pirâmides do Egito? Disponível em: <http://www.dinizk9.com.br/2010/07/como-foram-erguidas-as-pirâmides-do.html> Acesso em 21/01/2023.

Figura 06 – Máscara funerária de Tutnkhamon.



Fonte: Obra de arte da semana. A máscara de Tutancâmon. Disponível em: <https://artrianon.com/2021/01/06/obra-de-arte-da-semana-mascara-funeraria-detutancamon/> Acesso em: 21/01/2023